



INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

O MACAQUEIRO

Ano XII • Nº 48 • julho e agosto de 2011

Tefé • Amazonas • Brasil

Antiga rota de navegação é refeita por pesquisadores do Instituto Mimirauá



A vegetação fechada e a variação da profundidade do igarapé do Baré dificultavam a passagem das embarcações.
Foto: Augusto Rodrigues.

Nota da redação
Para aumentar a disseminação das atividades de pesquisa e extensão do Instituto Mimirauá, a partir desta edição, “O Macaqueiro” passa a circular a cada dois meses.

Pesquisadores do Instituto Mimirauá revisitaram uma rota de navegação desativada desde meados do século passado, a fim de identificar novas possibilidades para a investigação científica na região do Médio Solimões, Estado do Amazonas. A antiga rota – que liga o lago Amanã ao rio Urini, na bacia do rio Negro – era utilizada por ribeirinhos que vendiam produtos da fauna e flora dos igapós do município de Marã para comerciantes de Manaus.

A expedição para retomada da rota de navegação ocorreu em julho, entre os dias 11 e 16. A bordo de três canoas equipadas com motores tipo “rabeta” e de dois botes tipo “voadeira”, 12 pessoas se embrenharam pelo estreito curso d’água do igarapé do Baré, rumo ao rio Urini. A viagem, denominada “Travessia do Baré”, envolveu cinco pesquisadores do Instituto Mimirauá e sete assistentes de campo, moradores da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã.

Em cinco dias de empreitada, a expedição avançou 80 km pelo igarapé do Baré, contados a partir da cabeceira do lago Amanã. No primeiro dia de viagem foram percorridos 60 km, sem grandes percalços.

No entanto, o avanço foi lento durante o restante do percurso: nos quatro dias seguintes, foi possível percorrer somente 20 km, devido à enorme quantidade de toras de madeira que interrompiam o curso do igarapé. Em alguns trechos, os hélices dos motores tocavam o fundo do igarapé, o que dificultava ainda mais o avanço das embarcações.

Quatro assistentes se revezavam no trabalho de abrir o caminho no igarapé, operando motosserras para o corte das toras mais espessas e utilizando terçados e facões para a retirada de cipós e pequenos troncos.

Apesar do esforço, não foi possível completar o percurso até o rio Urini. Em consenso, os participantes da expedição decidiram encerrar a viagem ao final do quinto dia. As dificuldades de comunicação com as bases de rádio do Instituto e o risco de ficar sem combustível motivaram o retorno.

“Fizemos um trabalho muito bom. Chegamos perto. Com certeza, ano que vem voltaremos para completar o percurso”, disse a oceanógrafa Miriam Marmontel, coordenadora do Grupo de Pesquisa em Mamíferos Aquáticos Amazônicos do Instituto Mimirauá, que participou da expedição. Segundo Marmontel, outra expedição será programada para a época da cheia de 2012, na qual a equipe tentará completar o percurso e realizar levantamentos acerca da biodiversidade da região.

1



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

O MACAQUEIRO
julho e agosto • 2011

O Instituto Mamirauá é uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação a promover a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em Tefé (AM), entre os dias 17 e 23 de outubro. O objetivo é mobilizar a população do município, em especial crianças, jovens e estudantes universitários, para visitar a sede do Instituto e acompanhar atividades relacionadas aos temas de ciência e tecnologia. Já estão previstas palestras, exposições e maquetes, além de uma mostra de filmes antropológicos e visitas guiadas à Biblioteca Henry Walter Bates.

Biblioteca Henry Walter Bates

A Biblioteca Henry Walter Bates recebeu, no início de junho, um totem para auxiliar a consulta ao acervo de livros, artigos de periódicos, entre outros, do Instituto Mamirauá. “Este equipamento vai facilitar a vida dos usuários, proporcionando uma consulta mais rápida”, disse a bibliotecária Graciete Rolim. A biblioteca funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h, e aos sábados, das 8h às 12h.



Foto: Eunice Venturi

Curso de pesca

Cerca de 40 pescadores de Maraã, Tefé e Alvarães participaram do Curso de Gestão Compartilhada dos Recursos Pesqueiros oferecido pela Rede Solidária da Pesca e executado por parceiros do médio Solimões como o Instituto Mamirauá. O curso teve duração de 200 horas, dividido em 4 módulos. O objetivo foi criar oportunidades de trocas de experiências; partilhar lições aprendidas e promover discussões sobre políticas públicas para a área da pesca.

2

Preço do pirarucu manejado é negociado ao custo de R\$5,50/quilo

O Programa de Manejo de Pesca do Instituto Mamirauá promoveu em Tefé (AM), entre os dias 28 e 29 de julho, a 5ª Rodada de Negócios de Pirarucu e o 4º Encontro de Manejadores das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã. O objetivo da rodada, que aconteceu no dia 29, foi estimular comerciantes a negociarem diretamente com pescadores das Reservas Mamirauá e Amanã. O presidente da Colônia de Pescadores de Maraã, Luiz Gonzaga de Matos, avaliou positivamente os resultados do encontro: “A rodada foi excelente, pois nós passamos a vender o preço do pescado de R\$4,65 para R\$5,50. É um aumento de quase 19%”, comemorou. Isabel Sousa, Diretora de Manejo e Desenvolvimento do Instituto Mamirauá, avaliou: “hoje nós temos experiências promissoras dessas conquistas sendo disseminadas, desse entendimento de acordo de uso do recurso pesqueiro”.

A Rodada de Negócios contou também com a participação do Prefeito Municipal de Tefé, Jucimar Veloso, do Governo do Estado do Amazonas, por meio de Hamilton Casara, da Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, e do Secretário de Produção Rural, Eronildo Braga Bezerra. Segundo Bezerra, o papel do encontro foi claramente definido e ficou evidente com a participação “consciente” dos manejadores: “Qualquer iniciativa coletiva é sempre trabalhosa, mas ela é superiormente gratificante quando você observa as pessoas – no caso, os manejadores – tomando nas suas mãos o rumo dos seus destinos”.

O aumento do preço do pescado deve-se à Agroindústria de Maraã que o Governo do Amazonas está construindo naquele município, em parceria com uma instituição que financia projetos científicos. A fábrica do “Bacalhau da Amazônia” deve ser inaugurada dia 25 de agosto e seu principal objetivo é aumentar a renda dos produtores. A proposta também inclui a divisão dos lucros entre os pescadores que venderem pirarucu manejado à fábrica. O sistema de manejo de Maraã, gerido pela Colônia dos Pescadores Z-32, que pesca nos Lagos Preto, Tigre e Itaúba, da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá deve ter o pescado vendido ao Governo do Estado, por meio da Agroindústria.



Segundo à direita, Hamilton Casara, da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, acompanhou as negociações.
Foto: Eunice Venturi

Reservas Mamirauá e Amanã recebem novos “protetores”

O Instituto Mamirauá, por meio de seu programa de Gestão Comunitária/Sub coordenação de Proteção Ambiental, promoveu entre os dias 3 e 8 de julho, o curso de capacitação para Agentes Ambientais Voluntários (AAVs), em parceria com o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e a colaboração do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Cerca de 30 moradores, das Reservas Mamirauá e Amanã, participaram da capacitação que é um dos passos para que eles se tornem agentes ambientais. Posteriormente, os comunitários poderão desenvolver ações de educação e proteção ambiental.

A formação de agentes ambientais teve início na Reserva Mamirauá em 1995 e, desde então, mais de 300 comunitários foram formados e atualmente cerca de 40 estão em atuação. Segundo Anete Barroso Amâncio, coordenadora do programa no Ibama-Amazonas, a experiência em Mamirauá tornou-se uma referência para a implantação do programa nacional, em 2005, quando o Ibama regulamentou a atividade. “Essa experiência tornou-se referência não só pelo comprometimento dos voluntários e do Instituto Mamirauá, mas também pelo resultado nas ações de proteção ambiental dos recursos naturais da Amazônia”, enfatizou.

Os futuros agentes iniciaram a capacitação de fundamentos de ecologia, ministrada pelo biólogo Paulo Roberto e Souza, responsável pelas ações de Proteção Ambiental do Instituto Mamirauá. Jorge Viana, do Programa de Manejo Florestal Comunitário, apresentou os conhecimentos necessários para entendimento da legislação ambiental. Vianna ressaltou a importância de proteção da floresta: “A ausência de proteção acarreta em desmatamento, que gera perda de biodiversidade, desequilíbrio da fauna e flora, aumento da temperatura. Consequentemente, destruição de todas as formas de vida”.

A capacitação durou seis dias com a disseminação de conteúdos como educação ambiental, recursos pesqueiros, fauna, flora, unidades de conservação e legislação ambiental, encerrando com a formatura. O novo agente ambiental voluntário, Jean Coelho Porto, resumiu seu sentimento sobre a nova responsabilidade: “Agora, nós vamos ajudar a preservar o meio ambiente, trabalhando de forma legal e sustentável e fazendo com que outras pessoas tomem conhecimento do que aprendemos e atuem de forma responsável”.



Durantes seis dias, os voluntários participaram de atividades físicas e dinâmicas, além de assistirem diversas palestras e filmes.

Foto: Eunice Venturi

Manejo de jacarés em unidades de conservação

O Governo do Estado do Amazonas assinou, no dia 29 de junho, durante cerimônia realizada em Manaus, a resolução nº 008, de 22/06/2011, do Conselho Estadual do Meio Ambiente do Amazonas (CEMAAM) e instrução normativa nº 001, de 29/06/2011, que regulamentam o manejo, abate e processamento de jacarés em unidades de conservação estaduais. As normas foram idealizadas a partir da formação de um grupo de trabalho (GT), criado em janeiro, com o objetivo de criar regras para o manejo, além de listar todas as necessidades e encontrar soluções para definir o manejo e o beneficiamento.

O biólogo Robinson Botero-Arias, que coordena as pesquisas com jacarés no Instituto Mamirauá, participou do GT. “Ao longo dos últimos cinco meses, o Instituto Mamirauá levou para o GT as demandas dos comunitários e relatou sua experiência com as pesquisas e como uma instituição que tem acompanhado e apoiado as iniciativas do governo frente a outros experimentos de manejo de jacaré. Nós recolhemos todas essas informações e colocamos na mesa de discussão”, relatou.



Jacaré-açu será a espécie manejada na Reserva Mamirauá.
Foto: EduCoelho

Manejando pequenos animais de produção



Galinha, pato, porco, ovelha. A criação de pequenos animais é uma tradição familiar nas Reservas Mamirauá e Amanã e seu manejo tem recebido atenção especial da equipe do Programa de Agricultura Familiar do Instituto Mamirauá. Em julho, técnicos prestaram assessoria às comunidades, entre os dias 5 e 19. Foi o acompanhamento de um trabalho que iniciou em 2010 e tornou-se uma linha de atuação: o Manejo de Pequenos Animais de Produção.

A atividade iniciou com um diagnóstico para definir os métodos tradicionais de criação, identificando o perfil dos produtores, as dificuldades e a metodologia de criação. De acordo com a coordenadora do programa, Bárbara Richers, o objetivo da atividade é melhorar a produção: “nós começamos com um diagnóstico para conhecer como eles conduzem o manejo tradicional. A partir desse diagnóstico, nós identificamos alguns pontos para melhorar a alimentação, o manejo sanitário, a estrutura que utilizam e o fornecimento de água”.

O diagnóstico apontou, entre outras coisas, que 83% das criações são destinadas à complementação alimentar, enquanto 9,2% são motivadas por fins econômicos, ainda assim, 46% das famílias chegam a vender algum animal durante o ano.. “Essa é uma realidade principalmente das comunidades de

várzea, agora estamos coletando dados também nas comunidades de terra firme” complementou Richers explicando que o interesse em investir na atividade varia muito com o perfil do criador, e que, em conjunto com as dificuldades trazidas com a enchente em áreas de várzea, são os principais motivos que limitam o aumento da escala de produção. Outro resultado do diagnóstico é a identificação das necessidades de capacitação. Em 2011, 98 pessoas já participaram de cursos promovidos pelo Programa de Agricultura Familiar, nos temas: sistemas agroflorestais, em parceria com a Associação de Certificação Socioparticipativa da Amazônia (ACS-Amazônia), curso de criação de abelhas nativas sem ferrão em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e curso de criação agroecológica de aves. Segundo o técnico do programa, Rinéias Cunha, uma das etapas da atuação no manejo de pequenos animais é estimular a disseminação de conhecimentos: “a partir do momento que algum produtor faz algo que obtém resultado positivo, outras pessoas vão se inspirando”, avaliou.

Pós-graduandos da UFAM trocam experiências com pesquisadores do Instituto Mamirauá

Alunos do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) puderam trocar experiências e conhecer atividades desenvolvidas pelo Instituto Mamirauá, nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã. Entre os dias 19 e 27 de julho, os estudantes dos cursos de mestrado e doutorado participaram de aulas práticas da disciplina Biologia da Conservação, ministrada por um grupo interdisciplinar do Instituto e da Universidade. O Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica da UFAM foi criado em 2005. Pelo terceiro ano consecutivo, a disciplina Biologia da Conservação é ministrada em Unidades de Conservação. Em 2009, a UC visitada foi o Parque Nacional de Anavilhanas e, desde o ano passado, Mamirauá e Amanã estão incluídas no programa.



Imagens: Rinéias Cunha

Expediente – O Macaqueiro é uma publicação do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, uma Organização Social fomentada e supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, atuando como uma das unidades de pesquisa desse órgão governamental. Distribuição gratuita. Conselho Editorial: Alan Mota, Augusto Rodrigues, Bárbara Richers, Dávila Corrêa, Elenice Assis, Ellen Amaral, Eunice Venturi, Francisco M. de Freitas Jr., Helder Queiroz, Isabel Sousa, João Valsecchi, Joycimara Sousa, Josivaldo Modesto, Marco Lopes, Marluce Mendonça, Nelissa Peralta, Nizete Campelo, Paula Castro, Paulo Roberto e Souza, Rodrigo Ozório, Selma Freitas e Thiago Antônio Figueiredo. Jornalista responsável: Eunice Venturi (SC01964-JP). Textos: Augusto Rodrigues (capa) e Eunice Venturi (págs. 2, 3 e 4). Projeto gráfico: Ilha Tecnologia. Impressão: Gráfica Ampla. Tiragem: 1.000 exemplares. Contatos: Estrada do Bexiga, 2.584 Cx. Postal 38 – 69470-000 Tefé (AM) – ascom@mamiraua.org.br – www.mamiraua.org.br; tel.+55 (97) 3343-4672, Ramal 278.